



WEST BOUND

MAGGIE RAWDON

RUMO AO OESTE

MAGGIE RAWDON

OCEANOPDF.COM

Copyright © 2025 por Maggie Rawdon.

Todos os direitos reservados.

Edição: Kat Wyeth – Editora (Kat’s Literary Services)

Revisão: Vanessa Esquibel – Revisora (Kat’s Literary Services) Fotografia: Michelle

Lancaster www.michellelancaster.com

Design da capa – Maggie Rawdon

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da autora, exceto para o uso de breves citações em uma resenha literária.

Sem limitar de forma alguma os direitos exclusivos da autora sob os direitos autorais, é expressamente proibido qualquer uso desta publicação para “treinar” tecnologias de inteligência artificial (IA) generativa para gerar textos ou imagens. A autora reserva-se todos os direitos.

Esta é uma obra de ficção. Quaisquer nomes, personagens, lugares ou eventos são puramente fruto da imaginação. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, eventos reais ou lugares é mera coincidência.

OceanofPDF.com

CONTENTS

[Nota sobre o conteúdo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo](#)

[1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Epílogo](#)

[O que ler a seguir](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[*OceanofPDF.com*](http://OceanofPDF.com)

CONTENT NOTE

Você pode encontrar uma lista de informações sobre o conteúdo que pode ser útil antes da leitura em ierawdon.com/content-information

OceanofPDF.com

PROLOGUE

SEIS ANOS ATRÁS...

Levi
"ARGUMENTO!"

O cano da arma pressiona minha têmpora, desalinhando meus óculos, enquanto meu punho se fecha com força em torno da bolsa que seguro. Fecho os olhos, concentrando-me apenas na minha respiração. O som do ar enchendo meus pulmões e saindo de novo na noite.

Inspiro. Expiro. Inspiro. Expiro.

Por enquanto, pelo menos, meus pulmões funcionam como deveriam. Como sempre funcionaram. Do jeito que espero que funcionem por muito tempo.

As ordens ríspidas do homem mascarado que está me roubando sob a mira de uma arma soam como um zumbido distorcido. O alarme ensurdecedor que está soando por toda a sala é um zumbido distante. O galope do meu coração desacelera para um ritmo mais previsível.

"Dê a bolsa pra ele." A voz do meu irmão se sobressai. Abro os olhos para olhá-lo com minha visão periférica. Ele está na mesma postura que eu, paralisado no lugar, com os punhos cerrados e a mandíbula tensa.

Tiramos esse trabalho das mãos do meu pai. Ele planejava fazer isso sozinho, discutiu conosco sobre essa alternativa, mas seu coração tem estado mais fraco do que o normal ultimamente. Uma cena como essa o teria matado e, apesar de todos os seus

falhas aparentes, meu pai é um bom homem. Minha mãe não suportaria um mundo sem ele. E minha família é tudo para mim.

É por isso que não discuto quando meu irmão mais velho me dá uma ordem. Poderíamos resolver isso a portas fechadas mais tarde. No momento, não recuo. Largo a sacola de objetos roubados aos pés do ladrão, exatamente como ele pediu.

O barulho dos frágeis artefatos batendo no mármore de Carrara sob nossos pés ecoa no salão vazio. O ladrão estreita os olhos e pressiona o cano da arma contra a minha pele até forçar minha cabeça a se inclinar para o lado. Meu suor se abre como o Mar Vermelho ao redor da arma, enquanto desce da minha testa até a minha bochecha.

“Seu filho da puta!”, rosna o homem. Parece que ele só late, mas não morde. Se fôssemos só nós, eu testaria minha teoria. Mas não vou colocar a vida do meu irmão em risco para saciar minha curiosidade.

“Você conseguiu o que queria. Agora, porra, nos deixem em paz.” Meu irmão não se dá ao trabalho de esconder a fúria em seu tom de voz. Imagino que ele esteja tendo fantasias parecidas de acabar com a vida deles.

— Que porra você... — Somos poupados de mais uma rodada de conversa fiada desnecessária quando o som das sirenes da polícia se aproxima.

“Vamos!” grita o cúmplice do ladrão enquanto corre para a saída. Meu suposto assassino solta um suspiro frustrado de descontentamento. Decepção por não poder me ver morrer, se eu tivesse que chutar. Ele tira a arma da minha cabeça, pega a bolsa do chão e sai correndo pelo corredor atrás do amigo. Ouço o som do alívio na expiração lenta do meu irmão por meio segundo, antes que as sirenes da polícia fiquem perto demais para o meu gosto.

“Desce as escadas. Saia pela entrada dos fundos. Eu escondi debaixo da escada. Saia pela porta preta com a placa vermelha. Pule a cerca à esquerda, atravesse o beco, vire à direita, passe pela abertura na segunda cerca e siga pela rua.” Repito as instruções de como chegar ao nosso carro de fuga, caso eu não consiga sair com ele.

“Inteligente”, ele comenta, com um toque de admiração, enquanto seguimos para a escada. Quando sugeri que guardássemos o relicário que nos trouxe até aqui antes de encher nossas malas com outros achados oportunistas que poderiam atrapalhar uma investigação futura, Grant ficou irritado com o tempo extra que isso levaria. Agora, isso vai nos salvar. Isso se conseguirmos sair antes que a polícia nos encontre.

As sirenes estão perto agora. Bem do lado de fora do prédio, enquanto descemos as escadas de três em três degraus ou mais de cada vez. Eu me abaixo para passar por baixo da escada e pego a bolsa preta que havia escondido com o relicário dentro, antes de arrombarmos a porta preta.

A chuva bate no meu rosto e me obriga a abaixar a cabeça enquanto corremos em direção à cerca. Se conseguirmos escalá-la antes que a polícia dê a volta no prédio, teremos uma chance ínfima. É um grande "se", porra, enquanto vejo a bota de Grant escorregar do degrau quase assim que ele a coloca. Olho para trás, verificando se a barra ainda está limpa.

Paro para ajudá-lo, empurrando-o para cima. Ele é forte, mas eu sou mais forte. Nós dois precisamos passar mais tempo na academia e menos no bar bebendo uísque. Isso vai mudar no futuro. Jogo a bolsa por cima da cerca sem tempo para ser mais cuidadoso, e ele a pega.

“Vai!”, — grito. Não temos tempo para bancar os heróis agora. Nós dois vamos morrer. Mas é do meu irmão que estamos falando. Ele não vai me abandonar, mesmo que isso signifique que ele também leve um tiro.

Tenho sorte quando não tenho os mesmos problemas que ele. Eu me arrasto por cima da cerca e caio no beco com um baque antes de sairmos correndo. É a vez dele de olhar para trás quando viramos à direita.

“Até agora, tudo bem”, ele murmura enquanto passamos pela abertura na cerca.

Consigo ver o carro ao longe. Estamos quase lá. Tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe. Temos que percorrer esse trecho rapidamente. Uma leve corridinha pode até ser necessária, considerando a chuva. Mas não podemos correr como se tivéssemos acabado de roubar alguma coisa. Esse tipo de trabalho não é o nosso forte. Não é a nossa área de atuação habitual. Longe disso. Os Cavaleiros Silenciosos são muitas coisas, mas ladrões de casas não são uma delas. Ou, pelo menos, não eram antes de hoje. Nem sei ao certo por que estamos fazendo isso ou para quem estamos fazendo. Meu pai nunca deu a mínima para itens de colecionador ou relicários antes de hoje.

Nosso pai tem sido evasivo com os detalhes, e o jeito como ele fica inquieto quando fala sobre esse negócio me faz pensar que ele está fazendo isso sob pressão. Talvez para nos proteger. De quem ou do quê, eu adoraria saber, caramba. O fato de ele ter colocado não um, mas dois dos seus filhos em risco? Que, no momento, ele não confiava em ninguém que não fosse de sangue? É de dar calafrios se eu parar para pensar nisso por muito tempo.

Grant destrancou as portas do carro, e nós entramos. Agradeço pelos vidros escuros enquanto jogo a bolsa no banco de trás e tiro meus óculos para limpar as gotas de chuva. Grant acelera o motor do Shelby

e sai da vaga de estacionamento o mais rápido que pode, sem aquaplanar.

Verifico o link para o sistema de segurança do prédio. As imagens em loop cobrem nossos rastros. Eu verificaria de novo — não, três vezes — quando chegássemos ao nosso esconderijo. Mas, até agora, tudo bem. Exatamente como ele disse.

Já percorremos vários quilômetros na estrada antes que qualquer um de nós se atreva a falar. Os limpadores de para-brisa são nossa única trilha sonora, além do ritmo cada vez mais lento dos nossos corações acelerados.

“Achei que hoje fosse o nosso fim”, admite Grant. Eu resmungo em concordância.

“Espero que, seja para o que for, valha a pena”, murmuro, limpando meus óculos novamente quando a condensação os embaça.

OceanofPDF.com

ONE

L evi

“PADRE, perdoe-me, porque pequei.” A voz dela é suave e doce ao atravessar a divisória do confessionário. Eu a reconheceria em qualquer lugar depois de meses seguindo cada movimento dela pelo celular e semanas a observando aqui, no terreno do convento, mesmo que a mecha de cabelo cor de cobre não estivesse visível através da grade quando a afastei. “Faz um mês desde a minha última confissão.”

Deslizo dois dedos por baixo do meu colarinho branco, tentando ganhar espaço para respirar. Mas ele não se mexe. O tecido fortemente engomado é como um torno, arranhando minha pele enquanto folheio as anotações que rabisquei rapidamente sobre o sacramento antes de entrar nesta gaiola medieval de segredos. Só me resta esperar que eu tenha um esboço bom o suficiente para me ajudar. Se o inferno existe, com certeza vou para lá depois disso.

Só consegui ter acesso prolongado à ilha isolada no meio de um lago alpino fingindo ser um padre em peregrinação. O convento é famoso por seus numerosos relicários e santuários instalados atrás das imponentes muralhas de pedra, que parecem mais uma fortaleza do que o lar de uma ordem religiosa. Quando cheguei, afirmei que estava em período sabático, praticando a reflexão enquanto pesquisava para um livro que estava escrevendo sobre a vida de santos. O enorme arquivo em uma ala do convento provou ser o álibi perfeito enquanto eu tentava entender tudo o que sabia sobre ela até então.

O único problema com o plano é que, em dias como hoje, quando o padre que costuma ouvir as confissões dos falantes de inglês está doente, pedem educadamente que eu assuma a tarefa — sem nenhum bom motivo para dizer não. Então, agora, estou preso aqui, junto com todos os detalhes picantes e os meandros da vida pessoal dos penitentes. As confissões abrangem todo o espectro. Comer sobremesas a mais em um dia ruim. Preguiça na hora de recitar as orações porque não dormiram bem. Raiva por terem sido obrigados a limpar os banheiros pela quarta vez neste mês. Há uma longa lista de supostos pecados que parecem mais um relato da condição humana. Até agora, não tinha me ocorrido que ela seria uma das penitentes. Tenho que morder a parte interna da bochecha para conter o sorriso.

Ela se mexe no genuflexório, soltando as mãos que estavam em forma de torre e cruzando-as, e pigarreja antes de falar novamente.

“E, por último, tenho tido pensamentos impuros sobre alguém. Alguém que eu não deveria.” Ela faz uma pausa, respirando fundo antes de terminar sua confissão. “Um padre.”

“Um padre?” Eu finalmente falo, querendo ter certeza de que ouvi direito. Felizmente, minha voz sai mais tensa do que eu pretendia e disfarça o som da minha voz real.

“Sim, padre. Eu sei como isso soa. Eu *sei*”, ela lamenta. “Isso tem pesado sobre mim. Tenho rezado. Mas tenho sonhos.” Ela parece nervosa, e posso imaginar um rubor se espalhando por suas bochechas. Já vi isso mais de uma vez nos arquivos, quando a peguei desprevenida. Só lamento não conseguir ver através da tela de privacidade bem o suficiente para observar sua cor mudar agora.

“Os sonhos estão fora do nosso controle. Você não pode pecar nos seus sonhos. Você agiu de acordo com eles?” Faço o possível para imitar o tom alterado que usei antes.

Há uma longa pausa. Uma pausa que me faz sentir como se ela estivesse prestes a admitir o pecado de trair seus votos. Mas eu não fiz nada com ela. Ainda não. E, se não fui eu, qual padre? Será que ela está saindo com outra pessoa sem eu saber? O pânico começa a se infiltrar na minha mente enquanto tento descobrir quem poderia ter esse tipo de influência sobre ela. Preciso que seja eu. *Só eu.*

“Com ele, não.”

Não com ele? Franzo a testa e me remexo na almofada surrada enquanto tento entender.

“Sem ele?” — pergunto, rangendo os dentes ao perceber que falei com minha voz normal.

“Sozinha”, ela responde tão baixinho que mal consigo ouvi-la.

“À noite.” Ah.

Ah, merda.

Pigo a garganta e fecho os olhos. Já estou imaginando as mãos dela se movendo sob os lençóis da cama de seu minúsculo quarto de dormitório. Não é como se eu nunca a tivesse ouvido antes, fazendo aqueles barulhinhos quando ela acha que ninguém está ouvindo. Mas agora estou desejando ter podido assistir também.

Merda. Estou deixando a situação estranha para ela ao deixá-la em silêncio. Se eu fosse um padre de verdade, esta seria uma confissão comum, talvez um pouco mais picante, e com certeza eu não estaria imaginando nada.

“Mais alguma coisa?” Eu me salvo, tentando fingir que estava esperando o fim da confissão dela.

“Não.”

“Então, como penitência, reze três terços.” Hoje, tenho distribuído terços para todo lado. É o máximo que consigo me lembrar das poucas vezes que minha mãe nos levou quando éramos crianças. Dois era o máximo que eu tinha dado o dia todo, mas três parecia justo, considerando os pecados dela. “Um dia. Até que os sonhos parem ou por um mês inteiro. O que for mais longo”, acrescento no final.

Ouço o som dela acenando com a cabeça atrás da parede, o farfalhar do seu cabelo e o suave sussurro do movimento, e então ela começa a recitar o ato de contrição. A voz dela é linda. Eu poderia ouvi-la falar por horas, repetindo orações, falando sobre os arquivos, fazendo um passeio pelos relicários no terreno do convento — o conteúdo não importa muito. Ela tem uma voz reconfortante e uma risada quase melódica. Uma risada pela qual passei a gostar bastante enquanto a conhecia melhor nas últimas semanas, enquanto ela atuava como minha arquivista pessoal, guia e, ocasionalmente, companheira de almoço.

Também conseguimos dar algumas caminhadas a sós pelo jardim, quando me ofereci para ajudá-la a pegar ingredientes para o jantar. Uma tarefa que, pelo visto, ela recebe com bastante frequência por aqui. Ela adora cozinhar e lamentou o fato de não poder preparar alguns de seus pratos favoritos dos Estados Unidos. Ela disse que era bom ter outra pessoa que pudesse se identificar com seus desejos.

Ela termina sua recitação de contrição, e eu repito as palavras de absolvição das anotações à minha frente, que venho praticando o dia todo,

tentando diminuir o ritmo para que soassem mais profundas e ganhar mais tempo para refletir em silêncio.

Alguns instantes depois, fazemos o sinal da cruz, e ela sai apressadamente da escuridão do confessionário de volta para a luz intensa da igreja. Um feixe de raios de sol filtrados por vitrais entra pela pequena grade, e eu fecho a janela para bloqueá-lo, envolvendo-me na escuridão novamente. Encosto a cabeça na parede de madeira atrás de mim. Não posso pensar demais no que ela confessou. Minha mente vagaria para lugares para onde meu corpo seguiria. Coisas que não posso fazer enquanto mantenho a farsa da confissão. Vou deixar isso para depois.

Em vez disso, me concentro na tarefa para a qual fui enviado para cá. Reconhecimento. Primeiro, descobrir qual é o papel dela nos negócios do pai e, depois, obter o máximo de informações possível sobre os relicários guardados aqui. Estou analisando a lista restante de arquivos que preciso examinar.

Tenho fotografado páginas sempre que consigo ficar sozinha por um momento e as envio para Charlotte, a especialista em arte e arquivos da nossa equipe, para tradução e transcrição. Ela tem se empenhado ao máximo para entender os trechos fragmentados que consigo enviar a ela. É raro eu ficar completamente sozinha. Se eu tiver sorte, tenho a companhia da pecadora ruiva de alguns momentos antes; se não tiver, tenho uma das freiras alemãs mais velhas, que me encara do outro lado da sala e me manda ficar quieta em um báculo trancado. Do tipo que tenho quase certeza de que são xingamentos. Pelo menos, é o que tenho que supor, dada a entonação áspera. De qualquer forma, eu não ia testar minha sorte. Isso significa que tudo está demorando muito mais do que o planejado, e meu irmão e seus associados estão ficando impacientes com o meu progresso.

Aperto a luz do meu relógio e vejo as horas. Mais cinco minutos, e então poderei voltar para o meu quarto e mandar uma mensagem para o meu irmão sobre a ironia de eu estar distribuindo penitências e absolvições. Tenho certeza de que isso vai dar a ele uma risada muito necessária.

Eu poderia contar a ele sobre a confissão dela. Eu deveria contar a ele. Isso significa que meu plano está funcionando. Ela está caindo na minha encenação e ficando mais vulnerável a cada dia. Mas prefiro guardar o segredinho dela só para mim por mais um tempo. Pelo menos até que eu consiga fazer com que ela realize seus desejos.

Saio do confessionário alguns instantes depois, tentando não gemer enquanto estico as pernas. Essas coisas foram feitas para homens muito mais baixos, não para o meu corpo de 1,93 m, e a ponta dos meus sapatos estava encostada na porta, com os joelhos dobrados em um ângulo estranho

só para tentar me manter lá dentro.

Observo os detalhes da madeira da porta, apreciando o trabalho do artesão, centenas de anos após sua morte. Há uma cena de um homem com a consciência pesada, ajoelhado na floresta, com as mãos entrelaçadas, implorando por uma chance de salvação. Todos nós precisaríamos de um pouco de salvação agora. Giro a tranca, prendendo os segredos lá dentro, e volto para o vestíbulo.

O vento entra, agitando a bainha do meu hábito, enquanto alguém abre uma das enormes portas da abadia. Ela fica aberta por um segundo a mais e se fecha com força. O som ecoa pela igreja, e a freira na porta me lança um olhar envergonhado de desculpas antes de seguir em direção ao altar, carregando uma braçada de velas cor de marfim novas para substituir as que estão se apagando rapidamente. Sigo seus movimentos pelo corredor e percebo outro par de olhos. Olhos azuis intensos fixos em mim. Olhos que pertencem à Irmã Mary Anthony, anteriormente e muito mais conhecida como Zephyrine Schaefer, a penitente que acabei de absolver e filha do governador do Colorado.

Seus lábios carnudos e rosados estão entreabertos, e seus olhos, arregalados. Mesmo do outro lado da sala, consigo ver o rubor rosado subindo pelo pescoço dela ao perceber que eu era a voz do outro lado do confessional. Ela vira a cabeça de volta para o crucifixo antes de encostar a testa nas mãos cruzadas. Os nós dos seus dedos ficam brancos enquanto ela agarra as contas do terço, e seus lábios tentam acompanhar o ritmo à medida que ela reza mais rápido, como se fosse um encantamento capaz de livrá-la do demônio que habita seus sonhos perversos.

Não posso dizer que a culpo por eles. Ela tem sido o centro dos meus nas últimas semanas. Sonhos em que me vingo de todo o inferno que a família dela fez a minha passar, e sonhos em que ela está de joelhos, exatamente assim, com a mão apertando o terço com a mesma força enquanto busca um tipo diferente de absolvição. Mas são apenas isso: fantasias. A realidade é sombria. Se ela soubesse todo o tormento que pretendo infligir aos seus entes queridos, talvez estivesse fazendo uma oração bem diferente.

TWO

Zephyrine

MEU CORAÇÃO MAL TINHA SE ACALMADO no peito quando desabo no banco do jardim ao lado das amigas mais próximas que tenho nesta ilha, a Irmã Ulrika e a Irmã Teresa. No entanto, quando estamos sozinhas, ainda as chamo pelos nomes de batismo, Aria e Tamara. Para mim, é assim que elas são. Estamos todas aqui por necessidade, e não por algum tipo de vocação, e, embora eu faça o possível para seguir todas as regras do convento, às vezes os velhos hábitos são difíceis de abandonar. Sinto falta de ouvir as pessoas me chamarem pelo meu antigo nome, em vez de Irmã Mary Anthony, e ainda conversamos em inglês quando não há mais ninguém por perto.

Elas estão fazendo uma pequena pausa depois de limpar as ervas daninhas e colher alguns dos legumes e frutas frescos do terreno murado. É uma espécie de horta para a cozinha do convento, que atende tanto as moradoras quanto os visitantes em busca de relíquias. Nesta época do ano, sempre temos uma enxurrada de novos hóspedes e ficamos ainda mais ocupadas garantindo comida na mesa e lençóis limpos nas camas do dormitório enquanto os turistas passam por aqui.

As relíquias são a maior atração do convento. Milhares de anos de ossos, sangue e lágrimas de santos estão guardados em relicários maravilhosamente ornamentados, tão impressionantes quanto grotescos. Temos uma série de pequenas salas de museu e santuários espalhados pelos antigos corredores do convento. Lugares onde os caçadores de relíquias passam horas visitando e rezando enquanto aprendem sobre a vida dos santos e os milagres que supostamente realizaram em vida. Alguns vêm apenas para apreciar a vista, uma parada rápida a caminho do

o grande palácio do outro lado do lago, mas outros vêm na esperança de curar doenças raras e pôr fim a infortúnios pessoais ao tocar em um fragmento milagroso do passado. A abadia serve como uma espécie de último recurso para pessoas desesperadas por uma última chance de ter um tipo de vida diferente. Uma vida melhor do que a que tiveram, e nós três não somos exceção a essa regra.

“Algum problema?” Aria aperta os olhos contra o sol e desloca para o lado a cesta de folhas de manjerição frescas que está no seu colo enquanto me observa.

“Ele ouviu confissões hoje.” Solto um suspiro suave de vergonha e frustração. Não acredito que não reconheci a voz dele do outro lado da divisória.

“Ele?” Tamara franze o nariz, confusa, enquanto se levanta e tira a terra da horta dos joelhos.

“Padre Levi.”

“Ainda lutando contra a ocasião próxima de pecado?” Aria se esforça ao máximo para não sorrir maliciosamente ao perguntar.

“Eu só queria que ele fosse para casa. Ele deve estar quase terminando a pesquisa, não é?” O padre Levi me lembra demais de coisas que não posso ter. Coisas que estou tentando desesperadamente aceitar que terei de abandonar para sempre. Se eu quisesse me estabelecer aqui de verdade, fazer deste lugar meu lar, precisaria abandonar a esperança junto com o vício.

“Ele é bonito demais para ser padre.” Tamara dá sua opinião sobre o assunto.

Pelo menos nisso, estávamos todas de acordo.

“E jovem demais”, acrescenta Aria. “O que aconteceu com aquela história de que todos eles eram velhos e encarquilhados? Cheios de manchas senis e com cabelos grisalhos e desgrehados? Eu gostava mais assim.”

“E, pessoalmente, não consigo confiar em um homem, padre ou não, que usa mangas compridas o tempo todo. Outro dia, estava 25 °C. Não dá para dizer que ele não estava derretendo naquela camisa preta debaixo do sol.” Tamara ergue uma sobrancelha.

“Ah, sim. Aquela camisa preta justa.” Aria ergue uma sobrancelha para mim, e eu fecho os olhos, tentando não imaginar a cena. É isso que acontece quando você passa tanto tempo se escondendo do resto do mundo. De repente, camisas pretas de manga comprida ficam sexy demais para a sua imaginação suportar.

“Agora *você* precisa se confessar.” Ergo a sobrancelha para ela.

“Estou cansada de me confessar.” Ela suspira. “Não é como se pudéssemos nos meter em problemas de verdade aqui. Estou sempre confessando as mesmas três coisas. Inveja das pessoas que podem sair deste lugar no final da semana. Raiva da Abadessa

Frances por sempre nos dar mais tarefas em poucos dias do que acho que ela já fez na vida. E preguiça por não querer ir à igreja duas vezes aos domingos.” Aria faz um beicinho.

“Bom, na semana que vem, você pode adicionar 'cansaço de se confessar' à lista”, brinca Tamara.

“Pelo menos vai dar um pouco de variedade.” Ela bufa.

“Provavelmente somos as piores noviças do mundo.” Tamara reflete sobre a nossa falta de compostura.

“Tenho certeza de que houve outras. Filhas rejeitadas do rei. Amante. Revolucionárias. Os arquivos estão repletos de menções a elas.” Sinto a necessidade de nos defender. Houve muitas mulheres interessantes que acabaram aqui como nós — forçadas contra a nossa vontade ou por falta de opções melhores.

“Também há menções às punições delas. Pelo menos a Abadessa Frances prefere turnos de trabalho na cozinha em vez de tortura pura e simples”, admite Aria.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto um pássaro pousa e rouba um dos morangos que Tamara deixou cair na trilha entre as frutas silvestres e o manjeriço. Imagino que um milhão de pés oprimidos já passaram por este jardim murado. Algumas o viam como um bastião de segurança, outras como uma gaiola destinada a cortar suas asas. Elas seriam privadas daquelas que as permitiam voar muito alto e substituídas pelo peso da castidade e da temperança.

“Então, o que você confessou?” Aria olha para mim novamente antes de voltar a arrancar os talos das folhas.

“Isso é entre mim e o padre Levi.” Em mais de um sentido. Começo a ficar vermelha de novo, de forma menos evidente do que quando descobri que ele era meu confessor, mas o suficiente para que minhas amigas soubessem que era algo chocante.

“Então foi algo ruim”, observa Tamara, enquanto me examina como se pudesse encontrar a resposta escrita em algum lugar.

“Algo que eu preferiria que o Padre Mark tivesse ouvido em vez dele.” Passo o lábio inferior entre os dentes. Não faço ideia de como vou encará-lo de novo e, considerando o tempo que ele passa nos arquivos, não vou conseguir evitá-lo por mais do que algumas horas.

“Então é algo picante?” Os olhos de Aria brilham com a possibilidade. Aperto os lábios, e ela solta um suspiro baixo.

“Não foi com ele?” — ela insiste, os olhos se iluminando de diversão. “Foi um sonho”, respondo na defensiva.

“Você confessou um sonho?” Tamara me olha como se eu fosse

estranha.

“Foi um sonho que eu gostei.” Não vou repetir minha confissão em plena luz do dia. Já é ruim o suficiente que ele saiba. Eu me sinto suja. Como se eu tivesse pecado de novo ao contar a ele. Os longos sermões da abadessa estavam me afetando.

Mas eu precisava tirar isso do peito e, de alguma forma, ser absolvida por pensar em um padre dessa maneira. Pensar em outro homem, que não tem esse tipo de votos e responsabilidades, já é ruim o suficiente, considerando a minha própria situação. Mas nós dois? Juntos? É impossível. Um sacrilégio, para ser sincera comigo mesma. Só posso imaginar como a opinião dele sobre mim mudou. A nova amizade que eu estava fazendo provavelmente já se perdeu em meio a evasivas constrangedoras. Ou, pelo menos, eu poderia ter essa esperança. Não sei o que eu odiaria mais: ele se esconder em uma fileira dos arquivos para evitar me ver ou ele sorrir com ar de quem sabe de tudo quando minhas bochechas esquentarem sob seu olhar na próxima vez que ele pedir minha ajuda. De qualquer forma, vou passar por uma tortura.

“Ah, entendi.” Aria tenta não sorrir, mas seus olhos a traem mesmo assim.

Ela tem tanta dificuldade com as regras quanto qualquer um de nós. Tenho quase certeza de que ela as quebrou com os visitantes. Em algum lugar, um homem está tomando uma cerveja com um amigo, se gabando de que é tão bom na cama que conseguiu conquistar uma freira.

“Ele é padre. Tenho certeza de que ele já ouviu coisas piores.” Tamara, sempre pragmática, oferece uma distração.

“Ele é homem. Tenho certeza de que ele já *fez coisas piores*”, acrescenta Aria, deleitando-se com sua própria avaliação.

Eu entendia o ponto de vista dela. O padre Levi é bonito e inteligente demais para não ter tido uma juventude repleta de pelo menos alguma dose de pecado, ou pelo menos de tentação. Outro vislumbre do seu sorriso malicioso do lado de fora do confessionário retorna.

Por um momento, tento imaginá-lo como um jovem virgem ingênuo, mas não consigo. Na minha cabeça, o Padre Levi definitivamente teve um passado, mesmo que ele não tenha um presente, e, pelo menos por isso, ele não pode me julgar totalmente. Ele sabe como é ser humano. No fim das contas, independentemente das ordens que recebemos ou dos votos que juramos cumprir, por baixo de tudo isso, somos humanos.

“Aria”, Tamara sussurra, usando apenas o nome dela como uma repreensão, tirando-me dos meus devaneios.

“Você sabe que é verdade. Provavelmente, todos os padres tiram isso do sistema antes de entrar no seminário.” Aria balança a cabeça.

“O padre Mark disse que já teve namorada”, admite Tamara.

“É difícil de imaginar.” Penso no senhor de cabelos grisalhos que está sempre falando sobre os princípios dos evangelhos e recitando as bem-aventuranças para nós.

“Você disse a ele que era ele no seu sonho?” Aria pergunta.

“Não. Mas duvido que ele ache que estou tendo sonhos picantes com o Padre Mark ou o Padre Peter.”

“Quão safado foi o sonho?” Aria sempre quer os detalhes picantes quando se trata de algo mais interessante do que nossas tarefas diárias.

“Safadeza de três terços por dia.”

“Nossa.” Ela range os dentes e depois me lança um olhar de solidariedade. “Por quanto tempo?”

“Até que os sonhos parem ou por um mês. O que for mais longo.”

Elas ficam em silêncio, atordoadas, e posso sentir o constrangimento voltando a me invadir.

“Houve outros pecados também”, tento explicar.

“Você ainda trabalha com ele nos arquivos?” Aria gira uma folha de manjeriço entre o polegar e o indicador, sem dúvida planejando como poderia me tirar da minha situação.

“Não sei. Talvez ele não queira mais a minha ajuda agora.” Enterro o rosto nas mãos e solto um gemido. “Não acredito que não percebi que era ele. Eu estava tão concentrada em fazer o que era certo e me livrar desse sentimento de culpa que acabei piorando tudo.”

“Não fique pensando demais. Talvez ele tenha achado fofo e vá deixar você fazer alguns créditos extras nos arquivos para se redimir”, argumenta Aria, e tanto Tamara quanto eu viramos a cabeça na direção dela, com as sobrancelhas erguidas. “Nossa. Tá bom. Não foi isso que eu quis dizer, e agora estou entendendo por que vocês têm a cabeça mais suja do que a minha.”

“Impossível.” Tamara revira os olhos. Ela é a melhor de nós, com certeza. Posso usar uma máscara melhor do que a Aria, mas temo que, se a Tamara soubesse algum dos meus pensamentos verdadeiros, ela me encharcaria de água benta todos os dias.

“Mädln!”, A Irmã Maria Teresa grita do outro lado do jardim. Ela nos chama de meninas como se não estivéssemos todas na casa dos vinte anos. Acho que, em comparação com as sete décadas dela de labuta nesta Terra, ainda parecemos crianças. “Wir müssen Abendessen machen! Schnell!”

“E lá vamos nós para a próxima tarefa.” Aria resmunga, pegando o manjeriço e suas luvas de jardinagem. Eu ajudo a arrumar a pequena colheita, colhendo algumas

pimentões e tomates e encho outra cesta antes de segui-las para dentro.

Talvez eu possa ficar na cozinha a noite toda hoje, em vez de ter que servir mesas. Não gosto de suar em cima do fogão, mas colocar o chantilly nos bolos e preparar o calda de baunilha com schnapps, pela qual o restaurante do convento é famoso, não seria o fim do mundo. Isso me daria mais algumas horas de trégua antes de vê-lo pessoalmente.

Mas isso ainda não impediria que eu passasse metade da noite no meu quarto, fazendo o possível para não pensar nele, e que ele aparecesse sem ser convidado de qualquer maneira. Às vezes, lembro-me dele debatendo as complexidades dos registros de relicários enquanto ajeitava os óculos no nariz e me lançava um sorriso radiante. Outras vezes, imagino um futuro que não existe. Um futuro em que ele me leva desta ilha para a outra, do outro lado do lago, e dançamos a noite toda na sala de espelhos do palácio inacabado, sob a luz de mil velas. Pelo menos na minha cabeça, existe um mundo com um final feliz, e não a realidade que escolhi para mim ou a que o destino me reservou em casa.

THREE

Levi
“**VAL, MEU DEUS DO CÉU!**” Uma risada carregada de uísque ecoa do outro lado da linha enquanto explico os acontecimentos do dia para meu irmão mais velho, Grant.

Estou vagando pela margem mais distante do lago, a uma boa distância dos muros do convento ao longo da costa, onde tenho uma visão desobstruída para garantir que ninguém tenha me seguido até aqui. Não que alguém fosse fazer isso. Todos estão convencidos de que sou quem digo ser, a tal ponto que começo a me questionar, até que recebo outra dose de realidade pelo telefone.

“Putá merda. É engraçado, mas não sei se *é tão engraçado assim.*” Resmungo enquanto pego uma pedra para jogar no lago ao pôr do sol. Sinto falta do lago da minha cidade. Das cachoeiras que desaguam no rio que leva à sua bacia. A sensação do sol do Colorado no meu rosto e a visão dos pinheiros ponderosa e dos álamos-tremedos se erguendo entre as rochas vermelhas e o mato. Essa lembrança contrasta muito com o toque de frio alpino daqui, com as grandes tílias e as edelweiss. Eles são lindos por si só, mas não são meu lar.

Falando em beleza, este lago é de tirar o fôlego quando você está sozinha. É muito mais silencioso aqui a esta hora, quando os veleiros e os caiaques já voltaram para casa, os turistas estão deitados em suas camas e a vida selvagem se aquietou em um zumbido suave enquanto se aninha para passar a noite. Certa vez, depois do jantar, fui dar uma volta com Zephyrine e não sabia para onde olhar: para ela ou para o pôr do sol. Consegui entender por que o convento foi construído aqui. Por que o rei estava projetando um castelo para rivalizar com Versalhes em suas margens.

A risada renovada do meu irmão me tira do meu devaneio.

“Ah. Não sei se existe algo mais engraçado do que isso. Você, como padre, ouvindo confissões de freiras?” Ele cai na gargalhada de novo, e eu ouço ao longe o riso de uma mulher ao fundo. Suspeito que seja minha futura cunhada, e ele confirma isso logo depois. “Nem a Dakota consegue parar de rir.”

“Podem rir à vontade. Vocês dois. É muito engraçado quando não é você que está suando dentro de uma caixinha, tentando se lembrar de tudo o que a gente aprendeu na St. Martin's quando era criança.”

“Desculpa. É que eu... Alguém confessou algo espetacularmente desonesto?” ele reflete, sem dúvida sacudindo o gelo em seu copo baixo.

Consigo vê-lo agora, como se estivesse bem na minha frente, recostado em sua cadeira de couro surrada atrás de sua enorme mesa de carvalho nos escritórios acima do Avarice. Sorrindo com a maneira como estou sendo forçado a interpretar um homem da Igreja nessas condições austeras do outro lado do mundo, enquanto ele administra os andares do cassino da segurança de sua confortável suíte executiva.

Quando não estou trabalhando como padre, sou coproprietário de um resort de cassino de luxo em Purgatory Falls, no Colorado, com ele. É uma pequena cidade nas montanhas que minha família administra nos bastidores há décadas, a partir da nossa casa no Rancho Bull Rush. Agora, meu irmão mais novo é dono do rancho e da pousada com sua ex e futura esposa, e meu irmão mais velho e eu assumimos o maior negócio da família fora dali. O nosso negócio gera um lucro muito maior do que o rancho jamais poderia gerar, graças a um suprimento inesgotável de luxúria e ganância, mas ambos são negócios familiares formidáveis.

“Eu não poderia dizer se eles fizeram isso. As confissões são privadas.” Desempenho o papel reverente que me foi atribuído nesta missão.

“Putá merda. Você ficou lá por tempo demais.” Ele resmunga, e eu ouço o rangido da cadeira enquanto ele se endireita novamente.

“Eu só quero um burrito decente, coberto de molho de pimenta verde. Eu daria minha alma por um agora. Isso e um suprimento infinito de água gelada. Não sei que porra essas pessoas têm contra uma boa comida mexicana e água que não tenha gás”, resmungo. A comida aqui é boa. Os bolinhos que a Zephyrine faz são ainda melhores. Mas isso não faz parar o ronco no meu estômago, que só pode ser saciado com sabores familiares e um copo de água gelada da nascente da montanha.

“Pelo menos você pode curtir a cerveja.” Grant tenta me lembrar dos benefícios de estar aqui. Há uma vantagem em particular da qual desfrutei mais do que deveria, e me pergunto se ela passou o dia todo usando o terço

para se redimir por sua parte nisso.

eu deveria, e me pergunto se ela passou o dia todo usando o terço para se redimir por sua parte nisso.

“Justo.” Lanço outra pedra na água, mas ela afunda após três quicadas medíocres.

“Você conseguiu fazer mais alguma pesquisa nos arquivos? Aquelas coisas que a Charlotte queria?” O tom dele fica mais sério, e voltamos ao assunto em questão.

“Hoje não. A irmã Maria Teresa praticamente me arrancou da cama, informando educadamente que eu receberia os confessores ingleses hoje. Ela é uma fera, caramba. Não sei como essas mulheres lidam com ela todos os dias. A vida inteira. Dá pra imaginar, caramba? Quando a gente era criança, eu mal conseguia aguentar o papai nos dizendo o que fazer.” Eu zombo.

“Acho que elas não têm muita escolha. Não é isso que acontece com eles quando fazem os votos? Tipo, pobreza, obediência e tudo mais?” Meu irmão suspira do outro lado da linha, e posso ouvi-lo enchendo um copo de uísque, o gotejar lento da bebida, o clique e o rolar quando a tampa volta ao lugar. Mais uma coisa da qual sinto falta. Há muitas bebidas boas por aqui, mais do que o suficiente. Mas, a essa altura, sinto falta do sabor de casa, por mais irracional que isso seja.

Preciso me concentrar nas prioridades. Posso fazer meu trabalho daqui, e o que estou fazendo agora vale dez vezes mais do que eu poderia estar fazendo em um escritório no Avarice. Além disso, não é como se eu tivesse alguém esperando por mim. Meus dois irmãos estão noivos. Grant comanda nosso império, e o outro joga futebol profissional quando não está cuidando da fazenda da família. O casamento da minha irmã pode estar em crise, mas ela tem uma carreira de grande sucesso como professora de arqueologia e uma filha adolescente extremamente inteligente. E aí tem eu.

Em comparação, estou me debatendo. E, aos trinta anos, ficar à deriva parece muito com fracassar, mesmo que eu tenha muito dinheiro e todos os bens materiais com que poderia sonhar. Também não é como se eu quisesse amor, especificamente. Essa coisa já me machucou antes, e fico mais do que feliz em ver meus irmãos se casarem, enquanto me mantenho bem longe da bagunça que isso causa na vida. Mas ainda sinto que poderia haver algo mais do que isso. Principalmente agora que estou observando essas mulheres que dedicaram a vida inteira à simplicidade e ao serviço. Elas parecem, pelo menos por fora, felizes por viverem seus dias dessa maneira. Nas últimas semanas, tenho tentado entender isso.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "West Bound Maggie Rawdon" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).